

REFLEXÕES SOBRE LEITURA E INTERNET: APONTAMENTOS INICIAIS*

Mariane Leonel dos Santos - Universidade de São Paulo

RESUMO: Este trabalho apresenta as reflexões iniciais de um projeto de pesquisa intitulado “Discurso, leitura e rede eletrônica: movimentos de dizer”, que visa estudar os efeitos de leitura na rede eletrônica, suas características e atualidade, indagando que rupturas são produzidos em relação ao impresso, sob a ótica teórico-metodológica da Análise do Discurso de matriz francesa, utilizando os trabalhos de Michel Pêcheux como referência primordial. Primeiramente, realizamos uma revisão bibliográfica sobre o tema, a partir da qual construímos a base teórica da nossa pesquisa, e que resultou nestas primeiras considerações sobre a leitura e sua atualidade, discorrendo sobre esta e sobre e as implicações da Internet sobre ela, depois, coletaremos entrevistas com leitores, usuários de redes sociais de/sobre leitura e escritores de blogs sobre esse tema, analisando seus dizeres, constituiremos o corpus da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, rede eletrônica, Análise do Discurso.

INTRODUÇÃO

Partindo da assertiva de que a leitura é uma atividade intertextual, não somente o ato de decodificação, como tantos teóricos, também nos afirma Robert Scholes em seu livro “Protocolos de leitura”, apresentando essa discussão ao citar Roland Barthes: “Não restam dúvidas de que é isto a leitura: reescrever o texto da obra dentro do texto de nossas vidas” (apud Scholes 1989, p.17) e “retomando Derrida ao concordar como o mesmo de que “nada existe fora da textualidade”, mas acrescentando que o seu dizer de que leitor se encontra sempre fora do texto”, sugerindo que devemos “reconhecer a nossa situação num mundo textual sempre em vias de ser escrito e que nunca conseguimos ler na realidade, porque jamais nos é possível sair dele” (op. cit.,

1989, p.22), iniciaremos nossa discussão analisando as obras sobre a história e evolução da leitura e do livro, buscando, por meio destes, as diferenças, as rupturas e os deslocamentos que aconteceram no que entendemos como leitura, em diferentes épocas marcadas por grandes transições, principalmente na “moderna era digital”, como anuncia Martyn Lyons em sua obra “Livro – Uma história viva”. As obras escolhidas foram de Roger Chartier, Martyn Lyons, Umberto Eco e Jean Claude Carrière, Robert Darnton, Dênis de Moraes e Sérgio Luiz Prado Bellei, neste âmbito citado, e obras de Pêcheux e de EniOrlandi, para complementar essas questões sob a visão da Análise do Discurso.

1 DESENVOLVIMENTO

Iniciaremos a discussão citando e interpretando Roger Chartier, em “A aventura do livro, do leitor ao navegador”, pois para ele “apresentam-nos o texto eletrônico como uma revolução, mas a história do livro já viu outras” (2009, p.7), só que a enfrentada na era digital “trata-se de um corte, uma fratura. Desde logo porque o objeto escapa à apreensão da história material tal como ela sabia, outrora, bordar e definir o livro” (2009, p. 12)

Para ele tende-se a cair na “tentação de comparar a revolução eletrônica com a revolução de Gutenberg”, entretanto, esta “não é tão absoluta como se diz: um livro manuscrito (sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV) e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais – as do códex. Tanto um como outro são objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão de cadernos; que são montados, costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação. A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários: tudo isto existe desde a época do manuscrito. Isso é herdado por Gutenberg e, depois dele, pelo livro moderno”. Havia em comum o objeto, diferenciando-se apenas a maneira que ele era produzido e as consequências desta, diferente da revolução eletrônica, em que não há um objeto a ser “diretamente manuseado, pois o objeto em si é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido”. Indo além da questão da materialidade, Chartier comenta sobre a forma que o texto eletrônico é disposto:

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso [...] O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis [...] a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler (CHARTIER, 2009, p.12-13)

Discorrendo superficialmente sobre o que é a chamada “a revolução da leitura”, nos apoiamos em Chartier, em “Cultura escrita, literatura e história”, que aponta esta como sendo a terceira linha de transformações - a primeira é a transformações das técnicas de reprodução dos textos e a segunda, que é a das formas do livro, não estando vinculada a primeira, “pois o livro antes e depois de Gutenberg, tem as mesmas estruturas” – “que refere-se à história da leitura: suas diversas mudanças e momentos de transformação”:

Até agora, dois deles foram mais considerados que outros: a invenção da leitura silenciosa (quando o leitor pode se livrar da necessidade de oralização para si mesmo, não para os outros, mas para entender o sentido do que lê) e o que se chamou de revolução da leitura do século XVIII, que é o acesso à leitura extensiva (2011, p.38). Essas revoluções nos remete a questão da leitura hoje, com a digitalização, os livros eletrônicos e a Internet, nos ajudando na busca de um entendimento mais profundo desta questão e da real influência da Internet sobre ela e sobre os leitores, analisando as materialidades e os discursos produzidos nela e a partir dela, por esses sujeitos-leitores que estão inseridos na rede e no “real”.

Em “Ler o Arquivo Hoje”, Pêcheux examina as questões da análise dos discursos, textos e arquivos, e para ele, nos encontramos diante de uma nova *divisão do trabalho de leitura*, da ambiguidade “do aprender a ler e a escrever”, que visa simultaneamente decodificação e ao “trabalho sobre a *plurivocidade do sentido* como condição mesma de um desenvolvimento interpretativo do pensamento” (p.54), diretamente associada àquela que diz respeito à informática, cuja “difusão maciça abre a possibilidade de uma expansão dos privilégios “literários”, mas também é grande a

possibilidade de se ver uma restrição política dos privilégios da leitura interpretativa, que podemos dizer que representa as novas práticas intelectuais de massa”.

Orlandi (2003), em “A leitura e os leitores”, discute sobre uma apropriação “cega” de instrumentos, focando no setor da informática, tomamos seu dizer de que este:

Vem interferindo de forma acentuada nos diversos outros setores, trazendo condições de realização de um certo tipo de leitura. Os softwares são utilizados com fins de armazenagem e gerenciamento de dados, edição de textos, elaboração de tabelas. Eles possibilitam além disso a criação de técnicas de composição, montagem, editoração, conjugando textos, imagens, sons. Permitem desta forma o desenvolvimento de projetos “multimídia”, com a coexistência de distintas ordens de materialidade em um mesmo espaço. (ORLANDI, 2003, p.38).

Este representa um modo de leitura, outros foram citados anteriormente, mas no que diz respeito ao digital, ela ainda menciona os “modelos interativos”, em que “softwares permitem a organização de funções enunciativas em vista de situações previstas de uso”. Encontramos aí, com essa espécie de fantasma enunciativo, questões da pragmática conversacional, dos atos de fala, do discurso cotidiano, inseridas em uma prática de leitura. O modo de ler é, assim, regulado por formas enunciativas que mergulham o leitor num espaço lógico-pragmático de urgências, decisões, escolhas, características do espaço econômico-administrativo; mas também de impotência, de impossibilidade de produzir sentido de outro modo, a leitura fora de controle estratégico, o sujeito interpelado nas redes de interpretação (op. cit., p.39).

Ela prossegue o texto comentando sobre a introdução da informática no meio escolar, que os discursos encontrados nos artigos de jornais, falavam somente da substituição tecnológica, não de um letramento digital ou de um estudo sobre as formas de leitura e estudo possíveis por meio da informática.

Assim, Orlandi nos mostra a influência das questões econômicas sobre os modos de leituras encontrados na Internet e na mídia, a busca por um “conhecimento” desses perfis de leitores, visando uma demanda, é uma forma de obter lucro.

Este risco aos modos de leitura, citado por ela, não é o único existente nas mídias e na Internet, retomamos aqui Pêcheux e suas alusões, mas no âmbito da leitura-

escrita, pois a homogeneização e a restrição, por parte daqueles que comandam, são prejuízos que a Internet fornece aos navegadores, contribuindo para a alienação que tantos insistem em culpar a Internet por.

Para Lyons, “a história do livro é uma história de acesso cada vez mais amplo à leitura e à escrita”, e que hoje vivemos em um mundo onde recebemos um dilúvio de informações, não mais restritas a uns poucos privilegiados. Porém, “o livro parece estar em crise para alguns observadores, que preveem a sua iminente obsolescência e provocam surtos periódicos de pânico quanto ao declínio dos padrões de alfabetismo”. (2011, p.209).

Para ele, essa crise, “na verdade, é, muitas vezes a crise do cânone ocidental disfarçada”, influenciada por um “destronamento do livro”, “que sobreviveu, mas ao preço de seu status inquestionável como artefato de alta cultura”, pois “hoje é parte da vida cotidiana como nunca foi antes” e esse maior acesso a leitura, seja por meio digital ou “tradicional”, destrói as hierarquias culturais tradicionais e aqueles que as defendem fervorosamente, são, muitas vezes, os que afirmam que o livro está em crise.

Umberto Eco (2009), de forma bem humorada, em “Não contém com o fim do livro”, nos demonstra que a leitura é leitura independente do suporte, pois é do texto que precisamos, não da matéria, do suporte e este é escolhido conforme a necessidade do leitor, dessa forma, havendo pessoas ainda interessadas na leitura do impresso, em comprar um livro, ele não “morrerá”, principalmente, pois ele carrega em si sua identidade, que é definida pela sua função, não pelo seu formato.

Mas não podemos esquecer que na Internet há muitas coisas além dos E-books (livros eletrônicos). O desenvolvimento e divulgação da leitura-texto, bem como literária, estão presentes de forma marcante no mundo digital, como podemos concluir com a afirmação de Lyons (2011, p.210), de que os leitores do século XXI não estão necessariamente lendo apenas livros, mas consumindo uma profusão de conteúdo *on-line*, “os jovens, tantas vezes denegridos como não leitores, estão simplesmente lendo de uma maneira diferente das outras gerações”, e também, com a discussão que nos propõe Dênis de Moraes (2001) em seu livro “O concreto e o virtual – Mídia, cultura e tecnologia”, no capítulo vida literária *on-line*, em que ele nos diz que a variedade dos produtos literários disponíveis na Internet e a facilidade com a qual eles se multiplicam e a “hipervelocidade” com a qual são transmitidos, entre outros fatores, representam juntos “pistas concretas para a febre virtual” (2001, p.94).

Essa revolução da leitura hoje, ligada aos novos modos de leitura que o meio digital e a Internet nos proporciona, principalmente o representado pelo “hipertexto”, que por Moraes (2011, p.69), “é um texto modular, lido de maneira não-sequencial, composto por fragmentos de informação, que compreendem *links* vinculados a nós”, caracteriza a leitura atual, em que não só o suporte e a forma que se faz a leitura se alterou, mas também, a função dos leitores, que “no ambiente virtual, com um mínimo de competência técnica, podem atuar, a um só tempo, como autores, editores, distribuidores e livreiros” (MORAES, 2011, p.94).

CONCLUSÃO

Esta possibilidade de uma leitura construída pelo leitor, disponível por intermédio dos *links*, que ligam um texto a outro, bem como, a imagens, vídeos, transformando completamente a leitura, em um ato também interativo, pois o sujeito leitor ultrapassa suas funções e se torna criador de novas significações e materialidades dentro da Internet, sendo responsável também pela criação de materialidade por esta.

Assim, temos que atualidade da leitura é caracterizada por esta nova forma de ler, que só a Internet nos possibilitou ao permitir o acesso rápido a milhares de informações diferentes, a abertura de várias páginas no navegador, a criação de textos associados a outros textos, direcionando a imagens e vídeos, permitindo comentários, permitindo ao leitor destes textos a criar a sua própria leitura, relacionando textos, informações diversas e sendo autor de seu próprio conhecimento e “texto final”.

REFERÊNCIAS

- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *O livro, a literatura e o computador*. São Paulo: EDUC; Florianópolis, SC: UFSC, 2002
- CHARTIER, R.A *aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo : Editora UNESP, 2009. 159 p.

_____. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED, 2001. 189 p.

ECO, U.; CARRIERE, J. C. *Não contem com o fim do livro*. São Paulo, 2010. 272 p.

LYONS, M. *Livro: uma história viva*. São Paulo: SENAC editora, 2011. 224 p.

MORAES, D. *O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

ORLANDI, E. P. (Org). *A leitura e os leitores*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. (Org). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3ª ed. Campinas: UNICAMP, 2010.

PÊCHEUX, M. *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.